

DIVERTIMENTO PASCALIANO: UM OBSTÁCULO PARA O HOMEM CONFRONTAR-SE CONSIGO MESMO

Elves Franklin Bispo de Araujo³²⁰

RESUMO: O presente texto estrutura-se nas reflexões de Pascal acerca de sua concepção da condição do homem e a problemática do mecanismo “divertimento” como um obstáculo para o homem direcionar o pensamento em si mesmo. O objetivo da temática é conduzir o leitor à reflexão do conselho pascaliano acerca do perigo que o homem carrega em conduzir equivocadamente o ordenamento de seu pensamento, como também para o conhecimento de quem é o homem segundo o pensador francês. Para tanto, evidencia-se a concepção de homem para o filósofo que resulta no homem frágil após sua queda pecadora narrada pelo mito bíblico adâmico; o paradoxo humano que consiste em um ser portador de miséria e grandeza; e, o mecanismo “divertimento” como negação do pensamento do homem sobre si mesmo. Ademais, o presente texto segue em tom o conselho pascaliano em direcionar o leitor à saída da ignorância do homem e os benefícios que daí advém.

PALAVRAS-CHAVE: Divertimento. Homem. Miséria. Grandeza.

RÉSUMÉ: Cette recherche est structurée dans les réflexions de Pascal sur sa conception de la condition de l’homme et de la problématique du mécanisme de «divertissement» en tant qu’obstacle empêchant l’homme de diriger la pensée en lui-même. Le but de la thématique est de conduire le lecteur à la réflexion du conseil pascalien sur le danger que représente pour l’homme la gestion trompeuse de sa pensée, ainsi que sur la connaissance de qui est cet homme selon le penseur français. Pour cela, il est évident que la conception de l’homme pour le philosophe donne naissance à l’homme fragile après sa chute pécheresse, relatée par le mythe biblique Adamique; le paradoxe humain qui consiste en un être porteur de misère et de grandeur; et, le mécanisme «divertissement» en tant que négation de la pensée de l’homme sur

³²⁰ Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Geremário Dantas (FGD) e Complementação Pedagógica em Filosofia pelo Instituto de Ensino Superior de Minas Gerais (ISEMG). Atualmente é graduando em Ciências da Religião na Universidade Federal de Sergipe (UFS), mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFS com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: elvesfranklin@outlook.com.

lui-même. En outre, le texte actuel suit en substance le conseil pascalien qui oriente le lecteur vers la sortie de l'ignorance de l'homme et les avantages qui en découlent.

MOTS CLES: Divertissement. Homme. Misère. Grandeur.

Introdução

Pascal nasceu em Clermont-Ferrand, França, aos 16 dias de junho de 1623 e faleceu em Paris no dia 29 de agosto de 1662 por excesso de trabalho. Filho do presidente da Corte de Apelação Étienne Pascal e Antoinette Bégon. A sua obra mais conhecida, *Pensamentos*, não foi concluída pelo filósofo em decorrência de sua morte prematura, vindo a ser organizada por amigos e publicada postumamente.

O “divertimento” é atualmente encarado como distração, diversão ou até mesmo agitação do ser humano. Em Pascal o termo divertimento ganha uma conotação mais profunda do que o significado da palavra confere habitualmente. O termo, para o filósofo em questão, remete ao meio que o homem comumente utiliza para distrair-se da sua realidade. Esse instrumento funciona como que uma venda aos olhos do homem para impossibilitá-lo de ver sua realidade tal como ela é. O mecanismo surge na infelicidade do homem por não ser capaz da quietude como afirma Pascal (1999): “descobrir que toda a felicidade dos homens provém de uma coisa só, que é a de serem incapazes de permanecer quietos em um quarto” (p. 65).

O termo divertimento é de origem latina e aparece na Europa no final do século XV, e aos poucos foi se juntando com a ideia de prazer e de lazer. O termo em Pascal tem origem em Montaigne³²¹ e Agostinho³²². Porém, Pascal, no século XVII, desenvolveu uma abordagem diferente acerca do termo, aplicando divertimento como estratégia para mitigar a insustentabilidade da condição insuficiente do homem. Em Pascal o termo significa o afastamento de si próprio, funcionando como uma espécie de amnésia voluntária para que o homem não pense em si mesmo.

Pascal, ao observar o homem que constantemente busca esconder-se de sua realidade, pesquisa o motivo de tal fenômeno. O fruto desse esforço é uma concepção humana frágil e concupiscente originada após a queda adâmica. O homem não podendo suportar tal ideia de si

³²¹ Montaigne foi um jurista, político, filósofo, escritor, cético e humanista francês que viveu entre 1533 a 1592.

³²² Agostinho de Hipona foi um importante teólogo e filósofo cristão que viveu entre 354 a 430.

mesmo obriga-se a esquecer-se ao menos que por alguns momentos debruçando-se no divertimento para encontrar felicidade como afirma Pascal (1999): “Se a nossa condição fosse verdadeiramente feliz, não precisaríamos deixar de pensar para nos tornar felizes” (p. 75).

Segundo Anjos (2011), a análise que Pascal faz do divertimento “é antes de tudo uma perspicaz constatação empírica do homem, do seu meio e de sua rotina” (p. 81). O divertimento aparece como resultado confuso da junção de eventos internos e intrínsecos ao homem: um homem que não se conhece; que se sente frágil, mas possuidor de racionalidade; que possui sua razão subordinada à força imperiosa da imaginação; que se encontra dividido entre um eu imaginário idólatra de si fantasiado num amor-próprio e um real eu-odioso; um homem que quer ser feliz, mas constantemente reconhece-se ser miserável e por isso cai no tédio. Portanto, um homem que não vê qualidades para que outros tenham estima dele.

Ao pesquisar o pensamento pascaliano, nos deparamos com um homem que se aprofundou no mistério da existência humana. Ele foi um pensador atento ao mistério profundo da condição do homem e aos desenvolvimentos de tal. Semelhante é o desejo de muitos homens do atual século: desejo de descobrir as verdades sobre o mistério que é o homem. Pascal buscou refletir acerca das verdades escondidas, isto é, os mistérios divinos sobre a criatura – o homem. Ele procurou compreender a raiz da insuficiência do homem como mistério inacessível para a razão e as implicações de tal insuficiência.

Criava-se, na França do século XVII, uma cultura da suficiência do homem, em outras palavras, desenvolvia-se um coneito de homem soberbo e orgulhoso que cria possuir em si tudo que necessitava para alcançar a satisfação humana seja ela espiritual, mental ou até mesmo física. De igual forma, na atual sociedade, é possível constatar semelhante diagnóstico, pois ela está imersa na diversão em que homens buscam a felicidade e a satisfação passageira das paixões divertidas como remédio para sua insuficiência e o drama do tédio. Assim como o homem do século XVII, o do século XXI vive semelhantes diversões desenfreadas e intensas sem preocupar-se com as implicações de suas ações.

Assim como Pascal verificou há mais de três séculos, atualmente também é possível afirmar que vivemos numa verdadeira ditadura da felicidade. Estudar Pascal é apreciar reflexões sobre o homem, não como uma máquina perfeita, mas como um ser insuficiente que constantemente busca organizar-se interiormente para alcançar a verdadeira felicidade e o incentivo para o conhecimento de si próprio.

Nessa perspectiva o presente tema se torna importante por constatar também na sociedade atual a idealização do homem como uma máquina perfeita e as novas tecnologias como entretenimentos perigosos ao homem. A investigação do tema é mister no ambiente contemporâneo, pois além de ser tão pessoal, está muito vivo no dia-a-dia e ninguém está isento dele. Assim, com o mecanismo do divertimento evidenciado por Pascal há séculos, na presente sociedade é possível observar a atualidade do tema, uma vez que as grandes indústrias se utilizam da condição humana para a obtenção de lucros e meio alienante. Assim, o presente texto busca compreender o divertimento pascaliano como um mecanismo que aliena o homem em detrimento de sua autorreflexão.

O divertimento pascaliano

O bem do homem é o divertimento. Pelo divertimento ele encontra alegria e felicidade. Este gozo é passageiro e motivado pelo medo do tédio e solidão, intrínsecos à natureza humana. O homem entregue ao mecanismo do divertimento é um ser entregue às paixões da concupiscência. O autor de *Pensamentos* diz: “Sem divertimento não há alegria, com divertimento não há tristeza. E a felicidade das pessoas de grande condição consiste em ter uma porção de gente a diverti-las, e o poder de permanecer nesse estado” (PASCAL, 1999, p. 69).

Pondé, na obra *O homem insuficiente*, traz a compressão do mecanismo de distração do homem. Para ele, no pensamento de Pascal acerca do homem, o divertimento é possível com a interpretação do mito da queda da humanidade. Aqui, o homem ruiu em uma natureza transformada que revela uma configuração que tende à insuficiência humana. Pondé diz que “A alma na deriva do *divertissement*³²³ é a imagem interna de uma mecânica que desenha a escravidão da concupiscência” (PONDÉ, 2001, p. 225, grifo do autor).

Antes de prosseguir com o divertimento pascaliano, é importante rastrear, por assim dizer, as influências que produziram a ideia do mecanismo em Pascal. É difícil eleger com proximidade e eficácia, porém é possível afirmar que o filósofo lia Montaigne e também os filósofos romanos que estão repletos de referência do tema em discussão. Outro elemento que também fortalece a influência é a frequente presença de Pascal na corte e nos salões parisienses, locais que muito tinham o divertimento aristocrático de sua época. Mais duas fontes formam

³²³ O termo francês *divertissement* pode ser traduzido em português como divertimento, diversão, desviar etc.

este quadro: Agostinho e a *Bíblia*. Deste Pascal utiliza as imagens e recursos, e daquele, a capacidade do homem desviar seu pensamento do seu fim último e de Deus.

Pascal argumenta em sua filosofia sobre o projeto de felicidade frustrado de todo homem. Para ele nenhum homem suporta a ideia de ser menosprezado pelo que se é, e como ele é por natureza insuficiente e miserável, isso o amedronta. Segundo o filósofo, o homem deposita sua felicidade na estima que recebe de seus semelhantes. A elevada estima dos outros obscurece a real condição do homem: natureza corrompida e escrava de suas concupiscências.

Em *Pensamentos* (1999), Pascal fornece a seguinte noção: “Temos uma ideia tão grande da alma do homem que não somos capazes de tolerar ser desprezados e não receber a estima de uma alma, e toda a felicidade dos homens consiste nessa estima” (p. 131). Assim, uma vez que o homem não recebe o cortejo que espera, se entristece. Para não ser assaltado pelos pensamentos de sua condição infeliz, o homem se lança naquilo que Pascal chama de divertimento: toda e qualquer ação que conduza o homem para longe dos pensamentos de si.

Segundo Pondé (2001), o desejo de estima do homem na obra pascaliana “tem uma forte conotação de felicidade como beatitude, isto é, em que o caráter espiritual da condição prazerosa é mais importante que o corporal ou sensitivo” (p. 226). Assim sendo, o prazer espiritual que a estima proporciona ao homem, é mais importante que a reflexão de si próprio. O gozo que o cortejo de seus semelhantes proporciona ao homem é até melhor que circunstâncias físicas favoráveis.

Em *O homem insuficiente*, Pondé traz essa ideia de felicidade a partir do desejo de estima, porém com uma importante observação: na ausência da estima o homem se angustia.

Como afirma Pascal, e é evidente à simples observação empírica, embora o homem deseje a estima dos outros, ela é muito precariamente assegurada, ainda mais se levarmos em conta que a concupiscência devora as relações – a concupiscência é incapaz de amor verdadeiro, entendido como *caritas*³²⁴. Ao afirmar que “toda” a *felicité*³²⁵ reside na dependência dessa estima, Pascal sinaliza para uma situação evidente de angústia por falta do objeto buscado (PONDÉ, 2001, p. 226-227, grifo do autor).

Pondé (2001) anuncia o motivo pelo qual o projeto de felicidade do homem desejoso de estima é frustrado: porque “ser amado é uma das melhores formas de ‘se divertir’” (p. 228). O divertimento é ineficaz porque suas bases são as condições da segunda natureza humana. Esta natureza é marcada pela concupiscência e ela por si não é capaz de relações saudáveis

³²⁴ Termo latino que significa caridade.

³²⁵ Termo francês cujo significado é felicidade.

entendidas por Pascal como caridade. Uma vez que o homem não tem o desejado – a estima dos outros – se frustra e se angustia.

O mecanismo é resultado da condição do homem. Este possui, após a queda adâmica defendida por Agostinho e Pascal, uma natureza corrompida que revela misérias e insuficiências. A humanidade tem sua condição natural, sua natureza, marcada por paixões e desorganização interior quando foge daquilo que o Criador estabeleceu para o homem como meio para alcançar sua plenitude. Três traços do mecanismo norteiam a reflexão do divertimento: inevitável, invisível e ineficiente.

O divertimento pascaliano é um mecanismo que o homem usa para afastar-se dos pensamentos que lhe incomodam, sobretudo, o de sua tediosa condição de homem frágil. Ao consolar o homem do pensamento de suas misérias, afasta dele a possibilidade do pensamento sobre ele mesmo tornando-o escravo de suas ilusões. Assim é possível afirmar que o divertimento se configura como negação do pensamento e, por isso, um obstáculo para o homem ser plenamente satisfeito.

Anjos (2011), no estudo da etimologia do termo divertimento em Pascal, diz que ela tem origem na aproximação que o autor de *Pensamentos* faz do contexto histórico marcado por guerras e estratégias militares, e afirma:

Um desses sentidos é a ação de desviar militarmente, distrair ou separar na guerra, daquilo que é mais importante. Na estratégia militar, provoca-se uma batalha numa parte do conflito para desviar a atenção do inimigo, proporcionando a possibilidade de um ataque mais significativo em outra parte. Desviar de inimigos usando manobras estratégicas. A linguagem militar não é estranha a Pascal; é preciso lembrar que ele escreve a curta distância de uma França assolada por diversas guerras, bem como da Fronde e da Guerra dos Trinta anos, entre outras. De modo que tal contexto histórico sugere-nos que a estratégia bélica do desvio, por força, lhe é bastante familiar. Ademais, seus escritos estão repletos de termos que remetem à agitada situação de França (ANJOS, 2011, p. 94).

Assim como no campo de guerra essa noção de distração era usada, Pascal pôs essa ideia em sua filosofia. Assim o fez por causa do contexto histórico da França – país assolado por diversos conflitos. Ele viu que seria mais fácil a compreensão de sua filosofia usando termos que as pessoas não sofressem tanto para decifrar. O filósofo constatou a semelhança que existia entre as estratégias de guerra com o que ele chama de divertimento em sua antropologia.

Graças ao mecanismo divertimento, o homem nega sua capacidade de autorreflexão. Uma vez que o homem nega a sua atividade racional de pensar em sua existência, em suas angústias e dores, nega a possibilidade de atingir sua beatitude e exercitar sua dignidade. É pela análise reflexiva do tédio que o homem pode encontrar um meio menos alienante e mais sólido

para enfrentar suas misérias. A plenitude humana consiste no ato de pensar, e pensar no homem é o caminho que este pode encontrar para a satisfação pessoal.

Dessa forma, não resistir ao mecanismo do divertimento é a maior das misérias humanas porque conduz o homem para mais longe de si próprio e nega a ele a possibilidade da autorreflexão. Se a grandeza do homem consiste em sua capacidade de pensar, e quando o homem deixa de pensar em si mesmo por causa da alienação, perde-se a si mesmo insensivelmente e torna-se miserável.

O divertimento é inevitável pelo simples fato de o homem não conseguir se abster de atividades que o entretêm. Pascal assim se expressa ao falar da inquietude humana: “descobrir que toda a felicidade dos homens provém de uma coisa só, que é a de ser incapazes de permanecer quietos em um quarto” (PASCAL, 1999, p. 65). E ainda: “e apenas se buscam as conversas e os passatempos dos jogos porque não se sabe ficar em casa com alegria” (PASCAL, 1999, p. 66).

Anjos argumenta que “O *divertimento* unifica os afazeres humanos; sérios ou não, todos são colocados nos registros do desvio de atenção de algo muito mais importante ao homem: sua própria existência, seu ser” (ANJOS, 2011, p. 81, grifo do autor). Dessa forma, o divertimento não é mera distração humana, antes são todas as atividades que o homem busca realizar com o objetivo de distanciar-se do pensamento de si e/ou uma realidade específica. Como o autor diz, sério ou não, todas as atividades com objetivo semelhante são configuradas como divertimento na visão pascaliana. Pois, “O divertimento não é, para Pascal, a instituição do espetáculo, tal como o era para Luís XIV e sua corte, ou como o é para nossa grande indústria do entretenimento; antes, o simples pensar no futuro já constitui o que ele chama de *divertimento*” (ANJOS, 2011, p. 92, grifo do autor).

Pascal (1999) diz daqueles que buscam a felicidade no divertimento: “Por ser incapazes de curar a morte, a miséria, a ignorância, os homens lembraram-se, para ser felizes, de não pensar nisso tudo” (p. 75). Sendo assim, Pascal argumenta que o homem não suportando a ideia de si, porque lhe causa infelicidade, busca a felicidade em não pensar em sua condição de natureza.

A reflexão de sua real condição de natureza é insuportável para o homem. Dessa forma, ele busca incessantemente por atividades que o livre do pensamento de si próprio. Assim se configura o divertimento: fuga do pensamento essencial do homem. Por isso, para Pascal, o divertimento é inevitável para o homem porque é insuportável o pensamento da miséria

humana. Segundo o filósofo, causa dor e angústia constatar a real condição de natureza da humanidade porque o homem não suporta a triste imagem de si próprio.

O mecanismo se manifesta na invisibilidade do cotidiano. O divertimento não é tangível como realidade por si própria, mas ela se faz presente nas ações cotidianas dos homens. Divertimento pascaliano não é uma ação isolada, mas está presente em todas as ações dos homens que buscam em suas atividades se entreterem com o objetivo de fugir de um pensamento ou realidade que mais cedo ou mais tarde virá à tona. Um exemplo disso é o pensamento da condição da natureza do homem. Este busca fugir da reflexão de si, mas isto é inevitável, pois em algum momento ele terá que confrontar-se consigo mesmo.

Dessa forma se configura a ineficiência do mecanismo: não é eficaz quanto o afastamento do pensamento do homem em si próprio. O divertimento funciona como se fosse um analgésico que retarda a percepção de uma realidade. Assim é possível observar: “Por mais triste que um homem se ache, se acaso o convenceremos a entrar num divertimento, será feliz durante esse período” (PASCAL, 1999, p. 69). A reflexão da condição humana é inevitável, o homem em algum momento de sua existência terá que confrontar-se consigo mesmo por mais que o delongue.

A discussão do divertimento traduz o pensamento como todo de Pascal. O mecanismo não existe por si, mas é necessária toda a compreensão antropológica do homem em Pascal para entendê-lo. O mecanismo do divertimento precisa das bases da condição miserável e da situação paradoxal do homem para coexistir.

O homem possui uma condição de insuficiência após a transformação de sua natureza, consequência do seu pecado narrado no mito bíblico das origens da humanidade. Segundo o mito, o homem era um ser privilegiado pela visão e conhecimento da divindade e por não sentir dor e sofrimento. Viviam em circunstâncias que lhe proporcionavam plenitude e felicidade. Com a queda pelo pecado ruiu em situação de infelicidade e desordem interior.

Mesmo com a transformação de natureza, o homem ainda possui traços que relembram sua antiga natureza ou realidade plena. A esta situação trata a paradoxalidade humana: o homem carrega grandeza e miséria. A grandeza se configura pela sua capacidade de pensamento de ler o mundo e a reflexão. A miséria é traço propriamente da segunda natureza: o homem que conheceu a dor de sua realidade de desordem e infelicidade pela ausência e ignorância de Deus.

Pascal (1999) em *Pensamentos* argumenta a origem do instinto que motiva o homem à procura por divertimentos, como também uma característica que é resquício da primeira natureza:

Possuem um instinto oculto que os induz a procurar divertimentos e ocupações externos, originado no ressentimento de suas misérias incessantes; e têm outro instinto secreto, resto da grandeza de nossa primeira natureza, que os torna conhecedores de que a felicidade só está, na verdade, no repouso, não na agitação; e, desses dois instintos contrários, forma-se neles um propósito confuso, que se esconde no fundo da alma e os leva a procurar o repouso pela agitação, e a imaginar sempre que a satisfação que não possuem acabará chegando, se, superando algumas dificuldades que antevêm, conseguirem abrir por ali uma porta ao repouso (p. 68).

Dois instintos contrários estão presentes na citação do texto pascaliano: o instinto que motiva o homem a buscar divertimentos e o instinto que o leva a crer que a verdade e a felicidade estão no repouso. O primeiro é fruto de sua insatisfação quanto ao conhecimento de sua realidade miserável; e, o segundo, resquício da primeira natureza do homem: a consciência que a felicidade do homem pode ser alcançada pela satisfação na organização interior da vontade direcionada em amar seu Criador ao invés de depositar suas energias nas frivolidades das paixões. Dessas duas ações contrárias presentes no homem e que são manifestadas concomitantemente resulta no propósito confuso escondido no homem que o leva a buscar o repouso pela agitação.

A causa da infelicidade do homem é sua própria assustadora e miserável condição. O pensamento de sua realidade causa angústia porque ele não suporta tal imagem de si próprio. Com este contexto, o homem busca fugir e se entrega às atividades frívolas pensando que dessa forma pode fugir da miséria que é. Quão vão são seus esforços que apenas trazem resultados imediatos e não eficazes. O modo mais eficaz de lidar com a realidade miserável do homem é a reflexão de si próprio ao invés de gastar energias fugindo duma realidade que lhe é própria. Mas afinal, qual a origem do mecanismo divertimento?

Segundo Anjos, a análise que Pascal faz do divertimento “é antes de tudo uma perspicaz constatação empírica do homem, do seu meio e de sua rotina” (ANJOS, 2011, p. 81). Dessa forma, o mecanismo do divertimento pascaliano tem origem na forma como o homem lida consigo mesmo, isto é, a fonte do mecanismo está no próprio homem. O divertimento aparece como resultado confuso da junção de eventos internos e intrínsecos ao homem.

A procedência do divertimento está no homem que não se conhece e que se sente frágil, mas possuidor de racionalidade; está na razão subordinada à força imperiosa da imaginação e que se encontra dividido entre um eu imaginário idólatra de si fantasiado num amor-próprio e

um real eu-odioso; um homem que quer ser feliz, mas constantemente reconhece-se ser miserável e, por isso, cai no tédio que leva o homem a lançar-se na busca frenética de atividades de entretenimento.

Oliva (2006) observa que o amor-próprio, isto é, o excessivo amor por si, é reduzido a uma modalidade de concupiscência, o que leva Pascal a denunciar como mecanismo que revela a própria subjetividade do homem: “O amor-próprio desmedido (devido ao deslocamento do centro para a concupiscência, o transitório) fez que o homem mentisse, se mascarasse e se revestisse de qualidades ilusórias para obter poder e estima” (p. 399).

Pondé organiza esses eventos como frutos da condição humana após a queda. Para ele, a imaginação remete a faculdade humana a emitir julgamentos morais, isto é, juízos dos atos humanos. A imaginação se manifesta no homem como fonte de engano, erro e falsidade: “A imaginação como faculdade enganadora é também na psicologia uma instância produtora da subjetividade. O homem sempre escolhe o ser imaginário. Mais que isso, constitui-se como indivíduo empírico no tecido dessas ‘trocas’ entre verdade e imaginação, necessidade e contingência, mas sempre optando pelos produtos da imaginação” (PONDÉ, 2001, p. 231).

O eu-imaginário é uma tentativa de camuflagem, ou seja, quando o homem não podendo suportar a constatação da sua realidade de miséria, cria um eu fictício para não encarar sua real condição. Sobre isso, Pondé (2001) argumenta: “Ao entregar-se ao sabor das construções imaginárias, o homem abre espaço para os efeitos da contingência dentro daquele espaço psicológico que toma como sendo o campo de constituição de seu ser” (p. 230).

Para Pascal o amor a si próprio é insuficiente porque é finito. O amor a Deus, que é infinito, era o objeto e referencial do homem porque conduzia ao infinito. Assim, o amor-próprio se apresenta como miserável porque conduz o homem a finitude. Uma vez o homem perdendo tal referencial (o amor conduzido ao infinito), fica confuso e sem saber como proceder. O conhecimento do eu-odioso em Pascal se dá quando o homem na tentativa de conhecer-se a si mesmo toma consciência da finita e contraditória condição humana.

Em *Pensamentos* pode-se perceber a tentativa de Pascal refletir sobre o finito e mísero amor-próprio:

A natureza do amor-próprio e desse eu humano é não amar senão a si e não considerar senão a si. A que pode conduzir? Será incapaz de impedir que o objeto do amor apresente-se repleto de defeitos e misérias: deseja ser grande e se julga pequeno; quer ser feliz e se acredita miserável; pretende ser perfeito e acha-se cheio de imperfeições; quer ser o objeto do amor e da estima dos homens e nota que seus defeitos não merecem deles senão repulsa e desprezo (PASCAL, 1999, p. 58).

Ao pensar sobre a miséria do amor-próprio o homem cai no argumento pascaliano do eu-odioso, isto é, o homem não pode ser aquilo que desejaria ser: infinito ou perfeito. E é por este motivo que o homem evita a reflexão de si porque sabe o quão imperfeito é e esta consciência é por demais incômoda para o mesmo. Como argumentou Pascal (1999), o homem deseja ser perfeito, mas só vê defeitos e misérias em si. Então, para fugir da sua realidade usa sua imaginação para produzir uma imagem de si suficiente para que seus semelhantes o estimem.

Anjos traz o pensamento pascaliano quanto à busca de entretenimentos movida pela condição miserável do homem:

A condição miserável do homem constatada por sua mortalidade, instabilidade, pela limitação e pela incompreensão do seu ser, entre outras coisas, leva-o em direção à busca da distração e isso através das mais variadas atividades. Busca-se a corte, a guerra, o mar, os jogos, conversas, etc. Nota-se que há em todas elas ao menos uma coisa de comum, a saber, não buscar a si mesmo nem pensar em si mesmo. Todos os exemplos de atividades remetem o sujeito para a exterioridade e nunca para a reflexão sobre ele mesmo (ANJOS, 2011, p. 104).

Outro ponto que causa angústia no homem é a realidade da contingência humana que ratifica a concepção pascaliana do homem insuficiente por si mesmo. Em *Pensamentos*, Pascal afirma: “Sinto que posso não ter existido; porque o eu consiste no meu pensamento: desse modo, eu, que penso, não teria existido se minha mãe tivesse morrido antes de eu ter sido animado: portanto, não sou um ser necessário. Tampouco sou eterno ou infinito; porém vejo perfeitamente que existe na natureza um ser necessário, eterno e infinito” (PASCAL, 1999, p. 154).

O mecanismo se apresenta como obstáculo para o homem confrontar-se consigo mesmo, pois ele, ao ser assaltado pela constatação de sua realidade, busca meios para fugir desse pensamento que lhe causa incômodo. A própria condição de natureza do homem é o motor que alimenta o divertimento pascaliano. Porém, enquanto a condição da humanidade é permanente, o mecanismo é transitório. Este é fugaz, portanto, a realidade do homem sempre virá à tona quando a brevidade do entretenimento lhe fugir.

Uma característica no homem, fonte para o mecanismo divertimento, é o argumento pascaliano do homem que não se conhece. Em *Pensamentos*, o autor anuncia: “porque não conhecem a si mesmos. Não sabem que é a caça e não a presa que procuram” (PASCAL, 1999, p. 67). Pascal, em linha geral, diz que o homem por não se conhecer pensa que é a presa que busca numa caçada, mas ele busca na verdade as circunstâncias da atividade da caça: atividade que lhe proporciona prazer e o esquecimento de uma determinada realidade.

Ainda em *Pensamentos*, é possível observar outras situações semelhantes:

Nada nos agrada tanto como assistir a um combate, embora não a vitória. Apreciamos as lutas dos animais, não o vencedor encarniçado sobre o vencido. [...] Gostamos de ver, nas polêmicas, o combate das opiniões; mas não gostamos, de modo algum, de contemplar a verdade encontrada (PASCAL, 1999, p. 65).

Assim como na citação anterior, no trecho acima é evidenciado o divertimento, do qual o homem que não se conhece a si mesmo cai facilmente no mecanismo divertimento, mesmo que inconscientemente. No primeiro sinal de consciência da realidade de natureza do homem, este foge do aprofundamento de si temeroso em comprovar a sua fragilidade. No primeiro sobressalto de sua consciência quanto à sua miséria, foge porque se sente frágil e esta sensação lhe causa desconforto. E esse ciclo se repete como que em uma dolorosa peregrinação em forma de espiral de momentos e pensamentos humanos.

Anjos diz que o mecanismo pascaliano é uma tentativa vã de o homem esquecer-se a si mesmo ou a tentativa de aniquilar sua fragilidade:

Tratando do esquecimento, Pascal aponta que não conseguimos esquecer definitivamente que somos um nada. Por mais que se tente, através de diversos artifícios, distrair-se de tal constatação, ela inevitavelmente virá à tona cedo ou tarde. Assim, a todo instante estamos tentando esquecer o nada que somos, e de tanto fazer isso acabamos nos habituando com o pensamento que nega nosso nada, e que nos diz que temos uma certa natureza. O *divertimento* terá esse papel; esse resultado, porém, é sujeito a falhas (ANJOS, 2011, p. 27, grifo do autor).

O homem é por natureza um ser capaz de pensamento. Pascal defende que é próprio ao homem a reflexão, e não pode ser qualquer reflexão, mas deve começar por si próprio. Pascal (1999) afirma: “Posso conceber um homem sem mãos, pés, cabeça (pois só a experiência nos ensina que a cabeça é mais necessária do que os pés); mas não posso conceber o homem sem pensamento: seria uma pedra ou um animal” (p. 121).

É comum entre os pesquisadores afirmar que a melhor condição para elevar o pensamento e a reflexão é a ociosidade. E é justamente nesse estado físico e mental que a consciência assalta ao homem questões cruciais, e em especial aqui, a condição do homem. Como fora exposto até aqui, o conhecimento do homem causa infelicidade e incômodo. Por este motivo, o homem busca incessantemente a fuga da ociosidade, pois este estado produz ao homem o tédio que tanto teme.

Em *Pensamentos*, Pascal (1999) mostra essa realidade: “Nada é mais insuportável ao homem do que um repouso total, sem paixões, sem negócios, sem distrações, sem atividade. Sente então seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu

vazio. No mesmo instante virá do fundo de sua alma o tédio, a escuridão, a melancolia, a pena, o despeito, o desespero” (p. 64).

Todo divertimento é preferível ao repouso, porque o homem é atraído para fora de si em busca da felicidade e fuga da infelicidade. Afirma Pascal (1999): “o homem quer ser feliz, e somente feliz, e não pode deixar de querer sê-lo. Como fará, então? Seria necessário, para tanto, tornar-se imortal; como isso não é possível, lembrou-se de não pensar no caso” (p. 75). Basta um mergulho solitário em sua interioridade que lhe será revelado suas múltiplas misérias. Por tal razão o repouso para o homem é um tormento, porque é nessa circunstância que o homem descobre seu vazio interior.

Ainda que o homem acredite que a fuga do pensamento de si seja a maneira mais eficaz de ser feliz, Pascal sustenta o argumento que a humanidade pode encontrar soluções mais sólidas para seus sofrimentos voltando a atenção para si. Para ele, mais cedo ou mais tarde o homem terá que confrontar-se consigo mesmo. E quando isso acontecer, o homem tem duas opções: ou reflete sobre si ou foge do confronto e se guia para a morte insensivelmente:

A única coisa que nos consola das nossas misérias é o divertimento e, no entanto, essa é a maior das nossas misérias. É isso que nos impede principalmente, de pensar em nós, e que insensivelmente nos [faz] perde[r]. Sem isso, estaríamos desgostosos, e esse desgosto nos levaria a buscar um modo mais sólido de sair dele. Mas o divertimento nos contenta e nos conduz insensivelmente à morte (PASCAL, 1999, p. 75).

O conselho de Pascal é que o homem deve resistir ao mecanismo do divertimento para que, vivendo a experiência do tédio, possa refletir sobre si mesmo e daí seguir consciente do que ele é. Para o filósofo, não resistir ao mecanismo do divertimento é a maior das misérias humanas porque conduz o homem para mais longe de si próprio e nega a ele a possibilidade da autorreflexão, pois a dignidade do homem consiste no pensamento. Se a grandeza do homem consiste em sua capacidade de pensar, e quando o homem deixa de pensar em si mesmo por causa da alienação do mecanismo divertimento, perde-se a si mesmo insensivelmente e torna-se miserável e escravo de atividades frívolas e efêmeras.

Pondé (2001) afirma

[...] Pascal levanta explicitamente a possibilidade de que se deveria resistir ao *divertissement* a fim de, pela vivência real do *ennui*³²⁶, nossa condição miserável materializada nessa angústia, chegar talvez a algum tipo “mais sólido” de solução para esse sofrimento. [...] Pascal afirma que de qualquer forma é exatamente o fato de não

³²⁶ Expressão francesa do século XVII que pode ser traduzida por aborrecimento, angústia, tédio, entre outros. A expressão remonta à impossibilidade de sair de tal estado, como uma espécie de patologia espiritual.

resistir ao mecanismo que caracteriza a nossa maior miséria. [...] pelo *ennui*, talvez, encontrar um meio menos alienado de enfrentar a miséria (p. 245, grifo do autor).

Portanto, este é o erro do mecanismo divertimento denunciado pelo filósofo: tornar o homem alienado em uma ilusória felicidade por fazê-lo esquecer de sua miséria natural. Porém, como já fora exposto, é impossível ao homem levar uma vida imersa no divertimento sem que, ao menos uma vez, o tédio o leve à reflexão de sua natureza. E é justamente nesse momento crucial que entra o conselho pascaliano de que o homem deve se deleitar no autoconhecimento para que possa encontrar soluções autênticas para viver uma vida refletida, e, conseqüentemente, mais digna. A orientação de Pascal é a advertência quanto à tentativa de o homem negar-se a si próprio.

O homem por natureza é um ser insuficiente e autor de misérias. Característica herdada na queda para segunda natureza narrada pelo mito adâmico. A humanidade, não podendo suportar uma imagem tão negativa de si, se entrega ao mecanismo do divertimento em busca de felicidade e objetivando pintar uma imagem de si digna da estima dos outros. Porém, nesse processo nega sua dignidade essencial: o confronto consigo mesmo. Pois, uma vez que o homem se entrega ao divertimento nega o ordenamento digno do seu pensamento.

Considerações finais

O divertimento pascaliano é um mecanismo que o homem usa para afastar-se dos pensamentos que lhe incomodam, sobretudo, o de sua tediosa condição de homem frágil. Ao consolar o homem da consciência de suas misérias, afasta dele a possibilidade do pensamento sobre ele mesmo tornando-o escravo de suas ilusões. Assim é possível afirmar que o divertimento se configura como negação do pensamento e, por isso, um obstáculo para o homem ser plenamente satisfeito.

O tédio pascaliano, no francês *ennui*, expressão do século XVII, remonta a aborrecimento, angústia, tédio, entre outros. A expressão conota a impossibilidade de sair de tal estado, como uma espécie de patologia espiritual. Para Pascal, esse estado é insuportável ao homem assemelhando-se como que a uma doença a qual o homem busca de todo modo fugir. Assim, o homem o faz por um único motivo: o estado de tédio é propício para a consciência humana mostrar ao homem sua condição de natureza miserável.

Ao reconhecer suas misérias, o homem cai no tédio, entendido como patologia, estado em que, segundo Pascal, é insuportável para o homem. Para fugir desse estado, o homem fantasia-se e foge para se esconder de si mesmo no divertimento. Assim, o homem se deixa ser arrastado pelo movimento perpétuo do desejo e da concupiscência, distanciando-se ao passo desse movimento de si mesmo.

Em *Pensamentos*, o autor imagina uma realidade com a intenção de fundamentar seu argumento para o mecanismo do divertimento: “Faça-se a experiência: deixe-se um rei sozinho refletir com serenidade em si, sem nenhuma satisfação dos sentidos, sem nenhum cuidado no espírito, sem companhia, e ver-se-á que um rei sem divertimento é um homem cheio de miséria” (PASCAL, 1999, p. 70).

A experiência de Pascal é atual. Assim como ele propôs há pouco mais de quatro séculos, proponha-se também neste século. Dessa forma, pode-se questionar o leitor: “se eu me colocar em solidão a refletir com serenidade sobre minha existência, sem nenhum prazer ou distração, serei capaz de constatar a verdade de minha natureza humana como Pascal?” Ou ainda: “é possível observar mecanismos de divertimento em minhas atividades?” A reflexão antropológica de Pascal é atual e universal. Portanto, todos e em qualquer lugar, provavelmente, terão condições e possibilidades de chegar às mesmas conclusões que o pensador francês.

É possível observar com facilidade e veemência uma característica da sociedade do século atual: pessoas que buscam constantemente entretenimentos. A maior parte dessas pessoas usam no mundo atual as redes sociais como instrumentos para criar imagens dignas de invejas pela exuberância de bem-estar e ostentação. Além desses meios mais práticos, também há outras formas daquilo que Pascal chama divertimento: cinema, festas, ambições por grandes oportunidades de emprego, carreirismo acadêmico, ambição política, fisiculturismo, competição comercial, eletrônicos de comunicação e outras diversas formas de afastar a consciência da real condição do homem.

Uma vez que o homem nega a sua atividade racional de pensar em sua existência, em suas angústias e dores, nega também a possibilidade de atingir sua beatitude e exercitar sua dignidade. É pela análise reflexiva do tédio que o homem pode encontrar um meio menos alienante e mais sólido para enfrentar suas misérias. A plenitude humana consiste no ato de pensar, e pensar no homem é o caminho que este pode encontrar para uma satisfação pessoal mais coerente com sua própria condição de natureza.

Dessa forma, não resistir ao mecanismo do divertimento é a maior da miséria humana porque conduz o homem para mais longe de si próprio e nega a ele a possibilidade da autorreflexão. Se a grandeza do homem consiste em sua capacidade de pensar, e quando o homem deixa de pensar em si mesmo por causa da alienação, perde-se a si mesmo insensivelmente e torna-se miserável.

As circunstâncias que favorecem o mecanismo do divertimento – o homem ignorante de si próprio, sentimento de fragilidade, eu imaginário idólatra de si fantasiado num amor-próprio e um real eu-odioso – são frutos da condição humana após a queda. Pascal lê Agostinho na temática da queda adâmica, isto é, o homem que perde benefícios ao pecar contra seu criador. O estado do homem “encontrava-se antes do pecado era de santidade e, sobretudo, de inteligência completa e total. No estado de perfeição todas as faculdades de Adão eram ordenadas para lhe permitir atingir a felicidade representada pela visão e conhecimento de Deus” (ROCHA, 2011, p. 18).

O divertimento surge na manifestação da insuficiência humana como miséria e é qualificada como a pior das misérias do homem, pois “faz com que o homem evite pensar em si mesmo, em sua condição” (ANJOS, 2011, p. 99). Essa miséria funciona no homem como um mecanismo que o aliena, ou em outras palavras, é um meio que o homem usa para desviar a atenção de algo muito mais importante que é sua própria existência, seu ser homem. O divertimento, à primeira vista, parece ser inofensivo, mas ele priva o homem de pensar a si mesmo e as consequências que daí advém.

O divertimento não pode ser encarado apenas como uma atividade que proporcione diversão ou que seja engraçado, mas é toda atividade que desvie a atenção e a reflexão do homem de alguma realidade ou que prive o encontro consigo mesmo. Para Anjos (2011, p. 129), a ideia do mecanismo em Pascal pode ser encarada de três maneiras: inevitável, invisível e ineficiente. Como ação humana, ela é inevitável porque está presente em todas as áreas da vida, como de certa forma, ao escrever esse texto ou ao lê-lo. Manifesta-se na invisibilidade por estar intrinsecamente nas relações e na vida humana. E é ineficiente porque não resolve os problemas da realidade do homem que lhe causa o tédio.

O principal problema do divertimento consiste em impedir o homem de confrontar-se consigo mesmo. Em Pascal a dignidade do homem está na capacidade de pensar: “O pensamento faz a grandeza do homem” (PASCAL, 1999, p. 121). Porém, as ocupações tiram a atenção e a reflexão de si mesmo do homem; se essas ocupações, ao menos uma vez, fossem

tiradas dele, o homem seria obrigado a confrontar-se consigo mesmo, porém o movimento incessante do homem é evitar tal confronto.

Pascal apresenta em sua concepção humana o paradoxo que é o homem: um ser de grandeza e miséria. O homem, segundo o pensador, é um ser frágil, mas é grande porque é capaz de ter consciência de sua miséria. Assim, diz Pascal (1999):

O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para aniquilá-lo: um vapor, uma gota de água, bastam para matá-lo. Mas, mesmo que o universo o aniquilasse, o homem seria ainda mais nobre do que quem o mata, porque sabe que morre e conhece a vantagem que o universo tem sobre ele: o universo desconhece tudo isso (p. 122).

Tal realidade paradoxal do homem é evidenciada por Gouhier (2005): “Pascal agrupou notas que mostram ‘a grandeza do homem’ na razão, no pensamento, o conhecimento, tudo em suma o que o distingue dos animais. [...] ‘é ser grande conhecer que se é miserável, a imagem do homem ‘rei despossuído’” (p. 100).

Todo divertimento é preferível ao repouso, porque o homem é atraído para fora de si em busca de felicidade e em fuga da infelicidade: “o homem quer ser feliz, e somente feliz, e não pode deixar de querer sê-lo. Como fará, então? Seria necessário, para tanto, tornar-se imortal; como isso não é possível, lembrou-se de não pensar no caso” (PASCAL, 1999, p. 75).

Basta um mergulho solitário em sua interioridade que lhe será revelado suas múltiplas misérias. Por tal razão o repouso para o homem é um tormento, porque é nessa circunstância que o homem descobre seu vazio interior. Pascal afirma que a dignidade do homem consiste no pensamento. E toda sua dignidade está em pensar como se deve. Para o pensador, dignificam o pensamento aqueles que o dirigem para refletir acerca de suas realidades, isto é, de si próprios ao invés que dedicarem todas suas forças e energias em atividades frívolas e efêmeras.

Referências bibliográficas

- ANJOS, Anderson Augusto dos. **Divertimento pascaliano**: a agitada busca pelo repouso. 2011. 151 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- GOUHIER, Henri. **Blaise Pascal**: conversão e apologética. Trad. Éricka Marie; Homero Santiago. São Paulo: Discurso editorial, 2005.

OLIVA, Luís César Guimarães. **Antecedentes filosóficos e teológicos do conceito pascaliano de natureza humana.** Kriterion: Revista de Filosofia. Belo Horizonte: UFMG, v. 47, n. 114, p. 367-408, jul. 2006.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos.** Trad. Olívia Bauduh. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

PONDÉ, Luiz Felipe. **O homem Insuficiente:** comentários de antropologia pascaliana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. (Ensaio da Cultura, 19).

ROCHA, Arlindo Nascimento. **Paradoxos da condição humana em Pascal.** 2010-2011. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia)-Universidade Pública de Cabo Verde, Cabo Verde, Minas Gerais, 2010-2011.

SILVA, Josiel Amaral da. **O divertimento como fuga de si numa perspectiva pascaliana.** 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia) – Faculdade de São Bento, São Paulo, 2018.

VARGAS, Jean. **A subjetividade e a busca pela felicidade no pensamento de Blaise Pascal.** Outramargem: revista de filosofia, Belo Horizonte, n. 6, p. 136-148, jan. 2017.